

## PEDRO RABELO E A LEITURA ALEGRE

Por Riane Dias (UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como proposta produzir um conhecimento novo sobre o escritor carioca Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905) e sua atuação como autor e jornalista nos primórdios da Primeira República, investigada em fontes primárias na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN. Neste trabalho propomos apresentar e elucidar o conceito “Leitura Alegre” utilizado pela imprensa da época para se referenciar a obras de teor licencioso/pornográfico, muito comercializados no período de maior produção do autor. Utilizamos alguns de seus textos como exemplificação.

**Palavras-chave:** Belle Époque; Pedro Rabelo; Leitura Alegre


Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905), ou simplesmente Pedro Rabelo, foi um escritor carioca esquecido pela historiografia que procuramos resgatar e investigar. Propomos revelar mais sobre sua atuação como autor e jornalista no Rio de Janeiro, nos primórdios da República, em uma pesquisa realizada para o Programa de Mestrado em Estudos Literários da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, sob orientação do prof. Leonardo Mendes.

Pedro Rabelo publicou quatro livros: *Ópera lírica* (1893), livro de poesia; *A alma alheia* (1895), livro de contos; sendo os dois assinados com o próprio nome do autor; já *Filhotadas* (1897) e *Casos alegres: histórias para gente sorumbáticas (ou histórias para sorumbáticos)* (1905), são assinadas sob o pseudônimo Pierrot, e são coletâneas de textos humorísticos publicados em periódicos.<sup>2</sup> A obra *Casos com Pimenta*, de 1902, também foi assinada com o pseudônimo, porém, assim como *Casos Alegres*, não foi tão amplamente divulgada na época como foi *Filhotadas*. Por ora não foi possível localizar esta obra em acervos ou livrarias atuais; foram encontradas apenas poucas referências sobre sua existência em almanaques e uma figuração tímida em algumas listas dos jornais da época. Portanto, ainda está sob investigação para que se possa determinar sua origem e sua relação com os trabalhos jornalísticos do autor.

---

<sup>1</sup> Riane possui graduação em Letras Português/Literatura (UERJ/FFP), pós-graduação em Estudos Literários (UERJ/FFP) e é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN (UERJ/FFP), também possui bolsa FAPERJ e é orientanda do Prof. Leonardo Mendes (UERJ). Contato: rianeavelinodias@gmail.com

<sup>2</sup> Utilizamos duas grafias concomitantes, pois o livro expõe ambas as formas na obra, fazendo com que as poucas informações disponíveis até o momento fossem encontradas ora com uma ora com outra grafia.




Pedro Rabelo participou ativamente do projeto de criação da ABL (1897). Indicado pelo próprio presidente Machado de Assis (1839-1908), foi eleito por seus colegas literatos como secretário da primeira sessão preparatória. Foi fundador da cadeira 30 e indicou como seu patrono o escritor Pardal Mallet (1864-1894). Faleceu com apenas 37 anos e sua obra publicada é pequena em comparação a de seus amigos Olavo Bilac (1865-1818), Coelho Neto (1864-1934), Guimarães Passos (1869-1909) e Pardal Mallet (MACHADO, 2009).

Observa-se também que, de maneira mais restrita ao Rio de Janeiro, no período em que o escritor viveu, ocorreu um forte investimento e desenvolvimento do mercado editorial, uma busca mais intensa do público por variedade literária, tanto nacional quanto internacional, causando o crescimento do setor (EL FAR, 2004). O mercado livreiro e a preocupação editorial se desenvolviam de modo a manter seus consumidores constantemente atualizados com o que acontecia no exterior e ao mesmo tempo em divulgar a produção nacional da época. Simultaneamente, observa-se uma atuação múltipla dos escritores que se manifestavam como autores, poetas, jornalistas, cronistas e como críticos literários de outros escritores, que em muitos casos abandonavam cursos superiores na esperança de viver e se sustentar apenas de seus escritos (MELLO, 2007).

Nesse trabalho propomos o enfoque na obra *Casos Alegres: histórias para gente sorumbática/Histórias para sorumbáticos*, mas tendo em vista que este trabalho está em desenvolvimento, não será possível ainda fazer análises aprofundadas como, por exemplo, determinar de que forma o autor selecionou os textos que compõem *Casos Alegres* ou quais destes foram publicações inéditas e quais foram reaproveitados de sua coluna jornalística na *Gazeta de Notícias* (ou de algum outro jornal em que colaborou ao longo de sua vida). Apesar de este ter sido o método utilizado por ele em sua obra anterior, *Filhotadas* (1897).

Dentre as obras produzidas pelo autor, há aquelas que podem ser consideradas oficiais, aquelas que receberam sua assinatura, que constam em seu obituário e pelas quais seu nome é mais comumente lembrado; o volume de contos *A alma alheia* (1895) é um exemplo desse tipo de obra.

*Casos Alegres* representa outra variedade estilística de Pedro Rabelo, com textos mais adultos, obscenos ou picantes que não objetivam omitir a identidade do autor, mas uma autonomia para uma produção mais leve e humorística, diferente de suas



contribuições anteriores que foram consideradas contribuições mais sérias para a literatura. Se faz possível argumentar desta forma a partir da fala do próprio Olavo Bilac, em uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias* (25 de julho de 1897, p. 1):

O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. Para cada estilo, cada assinatura.


Esta obra só pode ser encontrada atualmente no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, onde obtivemos autorização para fotografá-la. Ela é composta por 18 contos e 8 poemas, e sua capa e adornos foram ilustradas por Julião Félix Machado (1863–1930), com quem Pedro Rabelo já havia trabalhado anteriormente em *Filhotadas*. Esta capa é considerada uma construção clássica do estilo pelo qual Julião era conhecido, como descrito pela Prof. Dr<sup>a</sup> Letícia Pedruzzi Fonseca, em publicação na revista eletrônica *Tipo&grafia* em 2012, como inovador, por construir imagens híbridas, que mesclavam vários estilos diferentes da época, somado ao uso de folhas gelatinosas que permitiam ao cartunista a maleabilidade necessária para fazer o preenchimento da imagem de forma diferenciada; tantas técnicas diferentes podem ser notadas na capa de *Casos Alegres* e em outros trabalhos semelhantes do autor como as revistas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896).



Figura 1: *Casos Alegres* 1ª edição fotografado no acervo Casa de Rui Barbosa. Capa por Julião Machado.

Neste exemplo, podemos ver como Julião trabalha linhas finas e espaçadas de diversas formas para conseguir melhores efeitos de sombra, proporcionando naturalidade aos cabelos na capa de *Casos Alegres*. Graças a esta escolha os espaços que se referem ao cabelo da mulher e os que se referem as suas vestes, se tornam claramente diferenciáveis. Outra marca do trabalho de Julião Machado é o preenchimento de suas figuras. Nesta capa notamos a coloração vermelha solidamente aplicada ao fundo da imagem feminina. A cor sólida enquadra e exalta de forma bela aquilo que o ilustrador deseja evidenciar, sendo neste caso, a mulher com a pena. Permitindo que dentre tantas possíveis interpretações, a interpretação luxuriosa ganhe uma ênfase maior.

Outro estilo de preenchimento característico de Machado pode ser observado na imagem masculina, pois esta possui como fundo um amarelo vibrante entrecortado semelhante a um mural em *Casos Alegres*. A cor vibrante e fragmentada, diferente da observada na figura feminina, destaca a feição sorumbática dos homens em contraste




com a face risonha daquele que recebe as cócegas da mulher. E delimita algo mais comum, no sentido de ser menos sexual, causando uma ruptura de contexto, como se cada persona estivesse em uma janela, para em seguida uni-las através da pena.

Na capa de *Casos Alegres* notamos a presença de uma mulher voluptuosa e quase desnuda (uma “pin up” à moda brasileira talvez), que pode ser tomada como uma musa carnavalesca que tenta e inspira o autor com uma pena de pavão, para que saia do estado sorumbático dos outros homens. Introduzindo assim esta temática limítrofe entre aquilo que pode, ou não, ser compreendido como inocente nos textos desta obra. Há um limite ínfimo notado na imagem da capa entre a inocência do ato de uma mulher fazer cocegas em alguém com o erotismo que pode ser apreendido pelo uso da pena de pavão ou, até mesmo, de sua roupa.

Ao iniciar a pesquisa, percebemos que esta obra é detentora de uma descrição divergente entre os estudiosos. Há quem afirme se tratar de um folhetim polêmico (OLIVEIRA, 2008); outros afirmam que esta é uma coletânea de suas publicações jornalísticas feita postumamente por amigos do autor (MACHADO, 2009); e ainda, afirma-se que se trata de um título “picante” lançado pela conceituada editora Laemmert (EL FAR, 2004).

De acordo com as investigações feitas até este momento, duas das declarações puderam ser confirmadas, tanto a afirmativa de Oliveira (de se tratar de um folhetim polêmico) por se referir a uma produção em baixa escala e de baixo custo (como qualquer outro folhetim da época), quanto a afirmação de El Far (sobre se tratar um título picante) por seu conteúdo notadamente libertino. Infelizmente ainda não foram encontradas resenhas ou pronunciamentos específicos sobre esta obra (ao contrário de *A alma alheia* e *Filhotadas*, que possuem opiniões explícitas dos críticos). Foram localizados apenas alguns poucos anúncios em jornais da época sobre a venda do título.

Sobre a afirmação de Ubiratan Machado, que declara a obra como uma publicação feita postumamente por amigos do autor, ainda há necessidade de averiguações mais detalhadas. Entretanto, ao se notar que tanto o lançamento da obra quanto a morte do autor Pedro Rabelo datam do ano de 1905 (sendo o segundo mais precisamente no dia 27 de dezembro de 1905, de acordo com os jornais), torna-se difícil acreditar que esta obra pôde ser concebida e lançada por amigos do autor no mesmo ano (nos três dias restantes).




Notou-se também ao analisar mais demoradamente a certidão de óbito de Pedro Rabelo na Academia Brasileira de Letras, que há um erro em sua redação; o responsável pelo documento insere adequadamente a data no início e no final do documento, mas no espaço destinado a descrição da causa da morte, dia e local. Observou-se que o dia e mês estão corretos, mas o ano descrito é 1906 (um ano após a morte do autor), ao invés daquela em que os anúncios dos jornais declaram e a própria data constante no início do documento, causando uma confusão interpretativa para observadores menos atentos. Portanto, acreditamos que esta afirmação esteja incorreta.

As declarações concordam em dois pontos: há nestas páginas uma amostra contundente do talento do autor, e também, que esta se refere a um texto mais licencioso do que suas obras oficiais. Sua linguagem está mais próxima do imaginário infantil e da permissividade da infância e é utilizada para veicular o conteúdo adulto em jornais e livros da época. Funcionava como se uma criança contasse estes “causos”, mas não os compreendesse realmente, deixando a cargo da mente do adulto interceptar as entrelinhas deste texto, e até mesmo das imagens que dispõe.

É possível também relacionar o estilo da escrita adotado pelo autor com o senso comum sobre o símbolo denominado Pierrot (figura muito bem quista pela sociedade deste período, principalmente, no carnaval). Sua imagem é recorrentemente citada como sugestão de fantasia para os leitores da *Gazeta de Notícias*. Em textos, crônicas e até mesmo em notícias, Pierrot aparece como ingênuo e bobo, sendo utilizado pelos jornalistas (e pelo próprio Pedro Rabelo que o adotou como pseudônimo) como tema de notícias ou ainda, em colunas voltadas para crianças, como um pseudônimo recorrente (Pierrot branco, Pierrete cantante ou Pierrot preto).

Pierrot também pode ser apresentado como um lunático inconsciente da realidade, mas esta faceta foi observada com menos frequência nos documentos consultados. Ao assinar essa escrita licenciosa com o pseudônimo de Pierrot, Pedro Rabelo lhe imprimia um aspecto de inocência, mas também a energia sexual associada ao carnaval e ao divertimento.

*Histórias para sorumbáticos* foi chamada de “Leitura Alegre” (ou “Leitura para homens”) e anunciada como um produto que deveria ser escondido para não ofender as damas, mas isso não impedia as mulheres de os ler. A expressão “Leitura Alegre” era um eufemismo de literatura licenciosa, eivada de ares libertinos e que se mostra como a




“moda” direcionada a uma grande gama de leitores, comumente, masculinos. “Os impressos (da Leitura Alegre) eram capazes de fazer acelerar o coração, ou, quem sabe, causar uma ereção e um orgasmo – uma experiência de satisfação física e mental, um refrigério para os rigores da vida em sociedade” (MENDES, 2017, p. 176). Eram livros baratos ou por vezes até clandestinos, se o autor possuísse os contatos certos.

Esta leitura libertina falava abertamente sobre sexo e sobre situações em que ele iria ocorrer de forma realista, materialista e franca. O sexo está claramente veiculado ao sentido do texto. Entretanto, não necessariamente está descrito em minúcias ou com o uso de linguagem vulgar (apesar de seu conteúdo ser considerado vulgar por alguns de qualquer forma); mas poderia estar, dependendo da escolha do autor, pois estes procuraram fazer diversos testes para compreender e determinar, pelas respostas dos leitores, quais caminhos escolher na consolidação deste novo “gênero”.

Esta diferença, mesmo que mínima, entre o que é ou não dizível dentro da temática do sexo, entre o que seria considerado implícito ou explícito para os consumidores da época, foi o que ditou a “regra” que permitia aos jornais falar sobre uma obra ou anunciá-la abertamente em suas páginas nas “Bibliotecas de Solteirões”, se esta pertencesse a chamada “leitura de sensação” (EL FAR, 2004). Em *Casos Alegres* encontramos contos curtos e obscenos que evocam sexualidades transgressivas.

Como amostra ilustrativa do tipo de literatura desta obra, temos os contos “Reparação Devida”, “Recordações de Campanha”, “Vinho... p’r’o quarto” e “A Bisnaga”; os quatro primeiros contos da obra que introduzem ao leitor o estilo geral que há de vir.

Em “Reparação Devida”, Mathias da Nobrega, rapaz distraído, míope, gago e católico fervoroso é avisado por seu amigo Rafael sobre uma festa que ocorreria no dia seguinte. A esposa do dono do armazém faz aniversário e ele dará uma festa com muita comida para comemorar. Ao chegar à festa, Mathias se encanta com a mulata que ali trabalhava e decide cortejá-la discretamente, e é correspondido. Mais tarde, ao notar que todos já estavam bem distraídos com a festa e bêbados, ele decide ir atrás da mulher. Procurando às cegas pela cozinha pelo quarto de dormir dos empregados, ele adentra por uma porta e chama por Ritinha, em resposta ouve roncões prolongados. Decide então por toda a sua experiência em prática e iniciar o ato. E após algum tempo de carícias fervorosas, o sogro do dono da casa acorda enfurecido e berrando. Mathias



envergonhado, trêmulo e gaguejando, sem reparar que não era Ritinha que ali dormia, responde que irá reparar sua falta com casamento (RABELO, p. 1, 2 e 3).


Neste primeiro conto, os adjetivos associados a Mathias não apenas caracterizam-no, mas também são as causas de seu mal agouro. Por ser católico fervoroso, ele refreia seus desejos sexuais por longos períodos, tornando o impulso sexual incontrolável durante a festa; isto somado a turbidez dos olhos causada tanto pelo vinho quanto pela miopia resultam no mal-entendido do fim da narrativa ao confundir Ritinha com o sogro do dono do armazém. Em tom jocoso, valendo-se do mal-entendido, Pierrot colocava dois homens na cama. Com o nervosismo causado pelo coito interrompido, sua gagueira se torna descontrolada, o que fecha a comicidade da narrativa.

No conto “Recordações de Campanha”, O coronel Azambuja dá um banquete em sua casa, talvez para comemorar os sete anos do fim da Guerra do Paraguai ou por qualquer outro motivo, com os companheiros de luta que ainda estão vivos. Em meio a tanta comida, vinho e lembranças daqueles que se foram, tanto pela guerra quanto pela tísica, estes sobreviventes de guerra decidem falar sobre suas lembranças da época para mostrar que ainda guardam tais lembranças bem vívidas na memória. Azambuja quase morrera na guerra, pois no delírio da febre arrancara a sonda colocado pelo médico “ali nos pingentes; no porão da barriga”, mas fora salvo por uma enfermeira (mãe do tenente Dioguinho, seu amigo de guerra), que prontamente segurou os “aparelhos” (tanto do coronel quanto o hospitalar) para ajeitá-los. O filho da enfermeira, curioso para saber em que momento da guerra isto havia ocorrido, pergunta ao amigo onde estava quando tal fato ocorreu e este lhe responde que não estavam no sétimo batalhão e sim, no quarto (RABELO, p. 7 e 8).

Neste segundo conto, a necessidade de comprovar para outros homens que a velhice não o alcançou, somado a ingestão de vinho sem uma quantidade adequada de comida concomitante, fazem com que o coronel não compreenda adequadamente que seu amigo não está interessado no local em que o fato se deu, e sim no momento temporal. Esta resposta confusa e ingenuamente senil causa riso ao leitor sem perder de vista a temática principal da leitura alegre, o sexo e, neste caso, erotizando o espaço hospitalar.

Em “Vinho... p’r’o quarto”, um famoso vinicultor e mulherengo, Sr. José, deveria separar as várias marcas de vinho entre si para poder exportá-las. Entretanto, sua mente






se ocupava apenas de Joaquininha, a quem ele desejava desposar. Ao fim da narrativa, ao invés de solucionar o destino de uma garrafa de vinho virgem, José acredita que sua conversa com um de seus empregados se referia a pureza de sua amada e não sobre o destino da garrafa. Portanto, seu destino (de Joaquininha) não será nem o cesto, nem o quinto, e sim, o quarto de Sr. José (RABELO, p. 9, 10 e 11).

Neste terceiro conto, as preocupações do Sr. José sobre os boatos de que sua amada não seja mais virtuosa o distraem de seu trabalho. Entretanto, este precisa ser feito mesmo que sem a devida atenção. As confusões interpretativas entre o que ocorre na cena e o que se passa na mente da personagem faz com que o riso se torne automático no leitor, pois esta distração causa o mal-entendido no diálogo e traz uma conclusão descontextualizada, ingênua e cômica.

No conto “A Bisnaga”, durante o período em que aconteciam os ensaios preparatórios para o Carnaval, as filhas dos Trancoso e dos Oliveiras destacavam-se na dedicação em ter os melhores adornos carnavalescos, enquanto esvaziavam as bolsas dos pais. Margaridinha Trancoso, diabrete de doze anos, conversa com Miloca, a filha mais nova dos Oliveiras, gabando-se do mais novo presente que recebera de seu pai: uma bisnaga prateada para o Carnaval. Miloca não compreende o que é uma bisnaga e pede que Margaridinha explique melhor. Esta diz que a bisnaga é um canudinho que você sacode, mira em outrem e aperta para que ela esguiche. Miloca então afirma que seu primo tem uma dessas. A Trancoso não acredita nela, e a Oliveira responde que tem sim: A bisnaga não é um canudo que se pega, aperta e depois esguicha? O primo Juca tem uma que toda noite bota na mão de Mana Mariquinhas (RABELO, p. 14 e 15).

Neste quarto conto, a ingenuidade é explorada em toda a sua essência através da fala de crianças, que, apesar de possuírem a vaidade de se gabar sobre os bens materiais que possuem, não compreendem completamente como a explicação de uma e a conclusão da outra podem ser compreendidas de maneira sexual. Deixando a cargo do leitor de “leitura para homens” interpretar e rir-se.

A “leitura alegre” era uma produção literária popular e acessível, que podia ou não ser ilustrada (as obras de Pierrot não possuem ilustrações na parte interna dos livros a que tivemos acesso) e que surgem como uma forma de causar no leitor a experiência de usufruir de sensações reprimidas pelas regras sociais e protocolos recatados a que, principalmente as senhoras, eram submetidas (EL FAR, 2004).




Os jornais exaltavam, mesmo que timidamente, os autores de “leituras alegres” e anunciavam animadamente suas obras e valores. Uma escrita acessível tanto pela quantidade em que era produzida quanto pelos módicos valores cobrados em troca de um exemplar. Pierrot foi um grande contribuidor dentre tantos com os quais conviveu, que auxiliaram e estimularam este estilo literário crescente e aquém de qualquer um dos gêneros literários reconhecíveis, publicando sozinho três obras alegres.

Portanto, causando um grande crescimento no mercado editorial, tornando real o ideal almejado por jovens escritores: poder se sustentar com seus ganhos com produção literária. A produção nacional em grande escala enfim se torna possível, se não, necessária. Um alto estímulo para a alfabetização, somado a um público leitor ávido por novidades nacionais e internacionais. A produção literária brasileira vê diante de si uma oportunidade de crescimento nunca antes vista, e extremamente lucrativa. Some-se a isso a fundação da Academia Brasileira de Letras, que trouxe a esperança para que jovens escritores sonhassem em viver de seus ganhos com a escrita, e uma fuga dos padrões sociais excludentes que limitavam o crescimento intelectual a duas opções: carreira diplomática ou carreira médica.

Pedro Rabelo se distanciou o quanto pode destes destinos predeterminados através de sua sólida carreira em cargo público, o que garantiu o sustento de sua família após sua morte, mas mostrou-se igualmente dedicado às questões abolicionistas e à produção jornalística e literária. Optando por esta assinatura carregada da ingenuidade que a personagem Pierrot possui, e também a escrita com temática sexual, passando pela mulher provocante da capa com suas plumas e penas. Em um misto de cocote com musa do carnaval, risonha como pede a folia e estimulante como pedem as “leituras alegres”. Vemos uma produção rica e heterogênea que enriquece brilhantemente a produção literária nacional e que em nada perde aos seus companheiros de tinteiro.

### **Referências bibliográficas**

BAGULEY, David. *Naturalist fiction: the entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira – São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Letícia Pedruzzi. *Julião Machado e suas inovações gráficas*. Vitória, ES : Revista Tipo & Grafia / Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. – N. 2, 2012, p. 15-17.

LIMA, Renata e RIBEIRO, Luiz Fernando Fernandes. *A magia das revistas no Brasil, 1800 – 1945*. Rio de Janeiro: APAG, 1992.


MACHADO, Ubiratan. *Pedro Rabelo: cadeira 30, ocupante 1*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MENDES, Leonardo. O livro pornográfico na Belle Époque: a década de 1890 e a invenção da “leitura alegre”. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (org.). *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. São Paulo: Ed. Intermeios, 2016, p. 303-320.

\_\_\_\_\_. *Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX*. Porto Alegre: Cadernos do IL n.º 53, janeiro de 2017, p. 173-191.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira – Vol II – Realismo e Simbolismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.



OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boêmia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2008.

PACHECO, João. *A literatura brasileira: o realismo*. São Paulo: Cultrix, 1967.

RABELO, Pedro. *Alma alheia*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1895.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro/Paris: Francisco Alves & Companhia./Aillaud & Bertrand, 1929.

### **Sites**

<http://www.academia.org.br>

<http://www.elsonfroes.com.br>

<http://hemerotecadigital.bn.br/>

<http://www.ladht.com/tipografia/pdfs/revista02.pdf>

<http://www.machadodeassis.org.br>